

A REGENERACÃO

Fundadores: Drs. José Martinho Simões, Manuel Simões Barreiros e Prof. João António Semedo

AVENÇA

Propriedade de: dr. Alberto Teixeira Forte
Composto e impresso na Tipografia Figueiroense

Director e Editor
Dr. Alberto Teixeira Forte

Redacção e Administração — Rua Major Neutel de Abreu
Figueiró dos Vinhos

A Casa da Criança de Figueiró dos Vinhos

é uma realidade



toral, a construção aqui, de edifício destinado ao funcionamento de obra tão magnífica

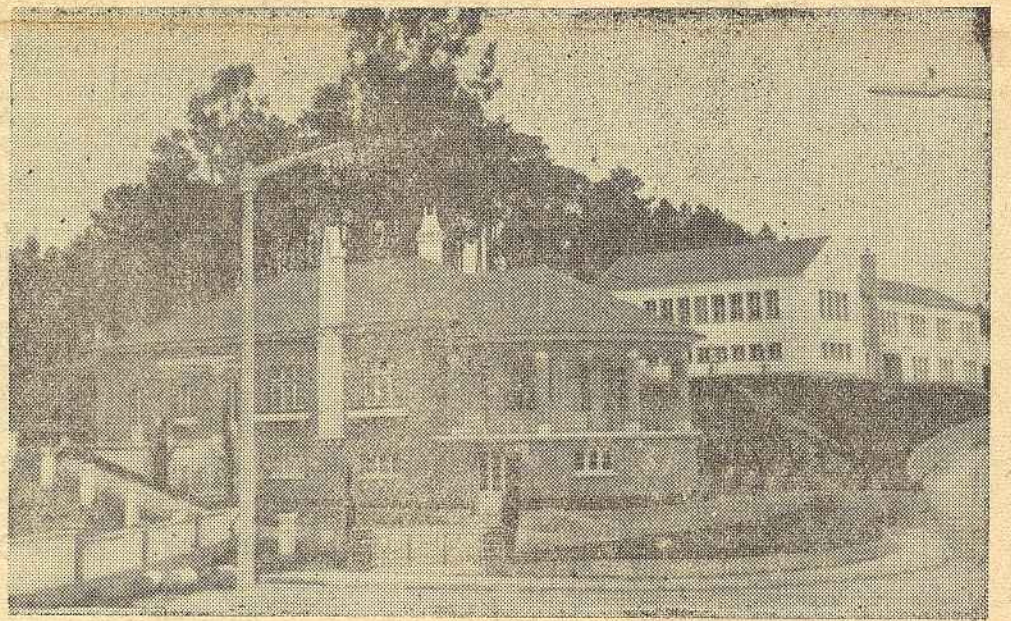
Foi em 29 de Outubro de 1953 que um grupo de sócios daquela Casa Beneficência se deslocou à cidade de Coimbra e ali solicitou ao Ex.^{mo} Professor Doutor Bissaya Barreto a construção de uma Casa da Criança nesta localidade.

Ao pedido formulado, o Sábio Professor respondeu prontamente, prometendo o seu maior carinho e mais decidido apoio, e declarando que tal solicitação caía de modo muito especial no seu coração.

Não demorou a organização do projecto da construção, seguiu-se a sua aprovação pelas instâncias superiores, a sua comparticipação foi anunciada pouco depois e, escolhido o local, as respectivas obras não tardaram a ter o seu início.

E já há meses que a obra se encontra finda praticamente e pronta a funcionar com todo o mobiliário necessário.

Em suma, Figueiró dos Vinhos tem a sua Casa da Criança, com que a contemplou generosamente a Junta de Província da Beira Litoral da Ilustre Presidência do Homem extraordinário que é sob todos os aspectos e designadamente no que diz respeito à acção as-



Casa da Criança de Figueiró dos Vinhos

ENTRE as obras de assistência à criança na idade prè-escolar, que conhecemos, a Casa da Criança é, sem dúvida, a mais bela e a que em maior profundidade realiza o aperticoamento infantil, quer sob o ponto de vista físico quer moral.

Magnífica e iluminada criação do espírito extraordinário do Eminentíssimo Professor Doutor Bissaya Barreto, a Casa da Criança é instituição única no Mundo, no seu género, dadas as suas particulares características.

Figueiró dos Vinhos pode também orgulhar-se da sua Casa da Criança.

Desde há cerca de 15 dias que ela se encontra em pleno funcionamento, beneficiando numerosas crianças desta vila e das aldeias circunvizinhas.

Tem, assim, realidade o sonho que embalou os Figueiroenses há uns cinco anos e que levou alguns deles, sócios da Casa de Beneficência, desta vila, a solicitar ao Ilustre Presidente da Junta de Província da Beira Li-



A Comissão da Casa de Beneficência de Figueiró dos Vinhos que solicitou de Sua Ex.^a o Prof. Sr. Dr. Bissaya Barreto a criação da Casa da Criança de Figueiró dos Vinhos

sistencial, o Professor Doutor Bissaya Barreto. E tal circunstância é motivo de irrisgável penhor desta terra para com o Ex.^{mo} Professor.

Já em 1953, nestas mesmas colunas, apelámos para a compreensão e generosidade dos figueiroenses em vista ao auxílio material à realização daquele tão belo empreendimento.

E' que esse auxílio foi prometido à Junta de Província da Beira Litoral e ele condicionou, de certo modo, a realização da obra.

Infelizmente àquele apelo não corresponderam todos os figueiroenses que podiam e podem.

Alguns há ainda que não manifestaram a sua compreensão, que não expressaram o seu apoio, que não patentearam a sua generosidade para com obra de tão grande alcance social.

Mas esses ainda estão a tempo de demonstrar aquela compreensão e aquela generosidade, se realmente vivem dentro do seu

Continuação na 2.ª página

Anúncio

TRIBUNAL DA COMARCA
DE
FIGUEIRÓ DOS VINHOS
1.ª publicação

No dia vinte e um de Maio próximo às dez horas no Tribunal desta comarca, na execução de sentença que corre pela Secretaria do mesmo Tribunal contra Fausto Antunes David e mulher Helena de Jesus Fernandes, ele alfaiate e ela doméstica, do Valongo, será posto em praça pela primeira vez, para ser arrematado ao maior lance oferecido acima do valor adiante indicado, o seguinte prédio apreendido àqueles executados:

Casa de habitação com seus logradouros, no lugar do Valongo, da freguesia de Pedrógão Grande, desta comarca, que confronta do nascente com a estrada pública, poente e sul com José Fernandes e norte com Maria Alves Coelho, inscrito na matriz sob o artigo dois mil e doze com o valor matricial de três mil oitocentos e oitenta e oito escudos, valor por que vai à praça.

Figueiró dos Vinhos, 22 de Abril de 1959

Verifiquei:

O Juiz de Direito

(*Américo Góis Pinheiro*)

O Chefe da Secção

(*Américo Castanheira*)

Jornal «A Regeneração» N.º 970
1 de Maio de 1959

**PROPRIEDADES
VENDEM-SE**

Aceitam-se propostas até ao dia 30 de Maio de 1959, dirigidas a **José Caetano Nunes - Moura - Alentejo**, para venda de todas as propriedades sitas nas Bairradas, Douro e Carapinhal, concelho de Figueiró dos Vinhos.

Mostra as propriedades o sr. **Eduardo de Jesus - Bairradas**.

TELEFONE

5

Instalado na praça de Automóveis. Atende todos os dias e a qualquer hora chamadas para

Automóveis de Aluguer



Trespassa - se

Café Cardoso

O mais antigo desta Vila



TERRABELA-HOTEL

Um dos melhores da Província

Instalações Modernas

óptimos serviços de:

Bar-Café-Restaurante

Serviços de Casamentos e Baptizados Preços especiais

BILHARES Figueiró dos Vinhos

Alberto Teixeira Forte

ADVOGADO

Figueiró dos Vinhos—TEL. 13

Escritório em: **Pedrógão Grande**

(Na primeira 2. Feira de cada mês)

Carreira Diária de Passageiros

BOLO - LISBOA

Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos, Pontão, Cabaços, Tomar, Entroncamento, Torres Novas, Santarém e Lisboa

Concessionários: **Manuel Simões Barreiros & Irmão, L.ª**

Sede **FIGUEIRÓ DOS VINHOS** Telefone 42

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
BOLO	—	6.00	LISBOA	—	9.20
Castanheira de Pera	6.10	6.15	Sacavém	9.40	9.40
Figueiró dos Vinhos	6.55	7.05	Vila Franca de Xira	10.17	10.19
Pontão	7.40	7.45	Carregado	10.33	10.33
Cabaços	8.10	8.15	Azambuja	10.53	10.53
Tomar	9.05	9.20	Cartaxo	11.17	12.19
Entroncamento	10.00	10.05	Santarém	11.45	12.05
Torres Novas	10.20	10.25	Pernes	12.45	12.45
Pernes	11.00	11.00	Torres Novas	13.20	13.25
Santarém	11.40	12.00	Entroncamento	13.49	13.40
Cartaxo	12.26	12.28	Tomar	14.20	14.30
Azambuja	12.25	12.52	Cabaços	15.20	15.25
Carregado	13.12	13.12	Pontão	15.50	15.55
Vila Franca de Xira	13.26	13.28	Figueiró dos Vinhos	16.30	16.40
Sacavém	14.05	14.05	Castanheira de Pera	17.20	17.25
LISBOA	14.25	—	BOLO	17.35	—

Efectua-se diariamente

Efectua-se diariamente

Carreira entre Bolo e Coentral

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
Coentral	—	5.40	Bolo	—	17.50
Bolo	5.55	—	Coentral	18.05	—

Efectua-se às sextas feiras

Efectua-se às quintas feiras

Carreira entre Campelo e Figueiró dos Vinhos

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
Campelo	—	5.20	Figueiró dos Vinhos	—	17.00
Fontão Fundeiro	5.30	5.32	Barraca da B. Vista	17.10	17.10
Aldeia Fundeira	5.40	5.42	Várzea	17.16	17.17
Vilas de Pedro	5.47	5.48	Vila Facaia	17.22	17.24
Alto da Alagoa	5.58	5.58	Moleiros	17.27	17.27
Moleiros	6.03	6.03	Alto da Alagoa	17.32	17.32
Vila Facaia	6.06	6.08	Vilas de Pedro	17.42	17.43
Várzea	6.13	6.14	Aldeia Fundeira	17.48	17.50
Barraca da B. Vista	6.20	6.20	Fontão Fundeiro	17.59	18.00
Figueiró dos Vinhos	6.30	—	Campelo	18.10	—

Efectuam-se às 4.ª feiras e sábados

Estacionamentos

Campelo—Largo José Ferreira de Amaral (L. da Igreja) F. dos Vinhos—R. Dr. Manuel Simões Barreiros Garagem em Lisboa—**Auto Liz**—Rua da Palma N.º 263—Tel. 861363.

JOSÉ FERREIRA

Com estabelecimento de sapataria

O mais completo sortido de calçado para

HOMEM, SENHORA E CRIANÇA

Agente das Máquinas de Costura

SINGER

e das Companhias de Seguros

DOURO E SOBERANA

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Telef. 55 — Cabaços



Lembre-se que a

OLIVA

tem garantia por toda a vida e custa menos

1.000\$00

que as da concorrência

A substituição de qualquer peça é completamente grátis

VISITE AS

OLIVAS

em especial a **OLIVAMATIC**

em exposição na

OURIVESARIA

Lourenço

em Figueiró dos Vinhos

TELEFONE—105

Vendas a pronto e a prestações desde

30\$50 por semana

Automóveis

Novos ou usados em óptimo estado de mecânica, vende aos melhores preços.

José da Conceição Barreiros

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

TELEFONE 110

Conseguem-se quaisquer tipos de automóveis com grandes facilidades de pagamento: **um terço de entrada e o restante em 20 prestações mensais**

Cuidemos da nossa perdida riqueza pecuária

Leio que abateram muito burro para satisfazer a nossa gula de carne. E' horrível!

Mas leio, ainda, que muita da carne analisada era do piorio, imprópria até para animais irracionais e carnívoros.

Horrível, também, pois me custa a acreditar na decadência dos burros, quanto à qualidade da sua matéria.

Que sejam maus e escoucinhem, vá que não vá. Que sejam impróprios para os gramarmos é triste.

Os burros de outro tempo não eram assim, não senhor. E se não me acreditarem a mim, leiam os Gatos de Fialho ou as Farpas do Ramalho.

Rima e é verdade.

* * *

Estou em crer que me peçoam este pretencioso gracejar a abrir um problema que julgo sério:—o da pecuária.

Durante anos e anos me devotei à guarda da nossa riqueza pecuária, insistindo para que se pusessem cuidados nessa guarda, não fossem os «tratantes» já se vê, quero eu dizer os que negociam e «tratam» nas feiras ou nos campos, com bois, vacas, vitelas, porcos, cabras ou carneiros—tudo animais de comer.

Burros para pendurar nos ganchos dos açougues, não se vendiam, então, durante esses anos em que tanta tinta gastei em defesa da pecuária nacional.

* * *

Este assunto tem magna importância e estou em crer, que para resolvê-lo, não é preciso muito. Apenas um pouco de mais atenção à vida rural ou, melhor dito, à vida do lavrador—patrão ou caseiro.

Nós já exportamos muito gado para o estrangeiro. A Inglaterra, sobretudo, deliciava-se com a saborosa carne dos nossos barroços.

Sobrava carne, porque não medravam tanto os «tratantes» do gado.

As Feiras eram sérias, sem cambões de intermediários, fazendo bicha para «deitar abaixo» os preços correntes do gado gordo...

Os comerciantes de Carnes Verdes, organizados, enterraram suas dentuças na Lavoura desprotegida.

O Lavrador levava à Feira um boi gordo, que bom trabalho havia feito na feitura de suas terras... Ia lindo, o boi. Luzidio como espelho bem limpo, farto como maçaroca acabada de lincar para o serão de inverno...

Pois o açougueiro oferecia a olho maroto, metade ou menos da valia do boi.

—Raio da vidal que hei-de eu fazer à rês se com o rôr de arrobos que tem em riba não pode com o arado?...

E o Lavrador tinha que vender para mercar, em sua vez, boi de sogá que pudesse com ele na partilha das fainas da terra...

Boi lindo e tão bem guarnecido de carnes, por boi à espera de pastio que enchesse os vazios entre as ossadas!...

Era uma dor de alma!

Que ficasse um boi por outro boi sem dar atento à gordura—inda vá que não vá, uma vez por

outra e consoante as Feiras. Agora boi gordo por boi magro e ainda por cima umas notas de cem!...

* * *

Foi assim que o Lavrador se deixou de engordar gado, contentando-se em criar apenas o que precisava para o arroteio da terra.

Os «açougueiros» estão agora a viver o período da «vacas magras».

Não que empobrecem — é o empobrecer!... Mas vendem migaalha do que vendiam quando havia fartura de gado na nossa terra.

Os senhores da Cidade, por sua vez, «vêm-se e desejam-se» se quiserem bom traço de lombo ou vazio (que vai parar aos hotéis e restaurantes chiques—sabe-se lá por que preço!).

E andamos assim há um rôr de anos

* * *

Tem remédio o caso?

Pois claro que tem remédio. Basta que o Fomento Pecuário poise em zelo e cuidado sobre este problema.

Um Lavrador cria o seu gado para ganhar alguma coisa. E essa coisa é fácil de avaliar, pois se sabe, matematicamente, que uma arroba de carne de boi é igual, em preço, a 5 rasas de milho.

Quer dizer, boi ou vaca que comam 20 litros de milho crescem uma rasa.

O preço justo da carne bovina fica assim bem feito.

Se defenderem este preço, o lavrador voltará a criar o gado que criava dantes, no tempo das suas «vacas gordas»...

Creio que este assunto vale para meditação do problema agrário...

A. Pinto Machado

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

NASCIMENTO

Na sua residência desta vila deu à luz no pretérito dia 25 de Abril p. p. uma robusta criança do sexo feminino a sr.^a D. Maria Irene Lopes dos Santos, casada com o nosso prezado amigo, sr. Amorim da Conceição Vicente.

«A Regeneração» ao mesmo tempo que augura as maiores felicidades à neófito, saúde e felicitá seus pais e avós.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Despedida

Bernardino Grácio Correia e sua esposa, impossibilitados de o fazerem pessoalmente como era de seu desejo, vêm por nosso intermédio despedir-se de todas as pessoas amigas, agradecendo reconhecidamente todas as atenções que, durante a sua estadia nesta vila, lhes foram dispensadas, e oferecer os seus préstimos na Avenida Dr. José Serão, 81-1.^o-B. 7, em Lourenço Marques.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

CASA DA CRIANÇA LEIRIA, COMO O DISTRITO TAMBÉM,

de Figueiró dos Vinhos

Continuação da primeira página

espírito tais sentimentos, contribuindo para solver o compromisso que liga Figueiró dos Vinhos à referida Junta de Província e que diz respeito ao contributo que esta terra prometeu àquela Junta para a construção do edifício.

E se preferirem manifestar a sua generosidade por outra forma, oferecendo donativos ou dinheiro para auxiliar a manutenção do funcionamento da Casa da Criança, também se aceita de bom grado essa generosidade.

Estamos certos de que todos se hão de pronunciar, e disso muito gostosamente faremos aqui referência, e desde já fica aberta uma subscrição com os primeiros que se inscreveram com:

Donativos para a Casa da Criança

Um anónimo, 10 litros de azeite.

Outro anónimo, 10 litros de azeite.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

PARTIDA

Para Lourenço Marques seguiu recentemente o nosso assinante, sr. Bernardino Grácio Correia que, acompanhado de sua esposa, passou algum tempo de férias entre nós.

Que tenham um feliz regresso são os nossos votos, ao mesmo tempo que testemunhamos a nossa gratidão pela gentil oferta com que se dignou distinguir-nos.

Atenção

Sr.^s ASSINANTES

Chamamos a atenção dos nossos prezados assinantes com assinaturas em débito para a necessidade de satisfazerem as respectivas importâncias, até ao dia 15 do corrente mês, pois que, para além deste prazo ver-nos-emos constrangidos a proceder à cobrança com evidente acréscimo de despesas.

A Administração

Ansião Homenageia

Continuação da quarta página

se agradece. Mas esta manifestação excede em muito a normalidade das coisas e a exteriorização das amizades.

Não pode esta família que tão unida vive e que tão honrada se sente, deixar de agradecer aos amigos presentes, não a sua amizade, mas o momento feliz que, na homenagem ao seu chefe lhe permitiram viver.

Obrigado, pois, em nome de nós todos.

prestou calorosa e sentida homenagem ao Rev.^o Cónego José Ferreira de Lacerda

Foi uma jornada inesquecível, essa, em que no dia 23 do mês transacto todo o Distrito de Leiria, assim como os mais diversos sectores da vida nacional, cometeram um acto de justiça para com o Rev.^o Cónego Lacerda, que há 50 anos pastoreia a freguesia de Milagres, concelho de Leiria, promovendo-lhe significativa homenagem.

Na verdade tanto a vida do Cónego Lacerda — um apostolado contínuo como a sua obra — difícil de igualar pelo ecletismo que comporta em valores humanos, há muito eram credoras de que algo se fizesse, apesar da recusa obstinada de homem para quem a «pavonice» não existe, e o slogan cede lugar à humildade e à modéstia na sua longa cruzada pelo bem da freguesia que paróquia, do Distrito, da Nação.

«A Santa Missa, celebrada na Igreja de Milagres, seguiu-se uma sessão solene na residência paroquial, visto a grande figura festejar o seu aniversário, infelizmente, doente.

A sessão foi presidida pelo ex.^{mo} sr. Olímpio Duarte Alves, ilustre Governador Civil do Distrito, usando da palavra os sr.s Manuel Leal Júnior, prof. Manuel Morcela, um a criança das Escolas da freguesia, o sr. Governador Civil e o Rev. D. Américo Henriques, em representação do sr. D. João, Bispo da Diocese, tendo todos posto em relevo a acção desenvolvida pelo homenageado nos sectores da vida religiosa, social, assistencial e política.

Podiam-se ver ali imensas individualidades — e das mais destacadas — de todos os pontos do País a par de enorme multidão. Em todos o Rev. Lacerda contava um amigo e também um admirador sincero e aqui a nosso ver, a verdadeira determinante do acto, que as lágrimas derramadas pelo Cónego Lacerda confirmavam.

De Figueiró dos Vinhos estiveram presentes o nosso Director, sr. Dr. Alberto Teixeira Forte, que representava os sr.s prof. João Alves Caldeira, Sebastião Trancoso, José Simões Barreiros

Visitantes Ultramarinos

Encontram-se em Figueiró dos Vinhos, em gozo de férias e de visita a seus familiares, os nossos prezados amigos, sr.^o António Manuel Dias David de Carvalho, vindo do Congo Belga; Fernando Alves José que vem acompanhado de sua esposa e filha; Justiniano José de Sousa, recentemente chegado de Lourenço Marques com sua esposa, filho e nora.

A todos endereçamos cumprimentos de boas-vindas e desejamos longa e proveitosa estadia.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

DE VISITA

Ao sr. Francisco António Rei, esteve nesta vila no dia 29 do passado mês de Abril, o sr. João António Duarte Faveiro, de Ansião.

Júnior, José Mendes Barreiros e Emídio Figueiredo Cãova; o sr. Dr. Domingos Duarte, Subdelegado de Saúde e Médico Municipal, Rev. Padre José da Costa Saraiva, Rev. Padre Anibal Henriques Coelho, da Graça, Antero Simões Barreiros, Antero Simões Seguro, Adérito dos Santos Arinto.

Também se associaram, desta vila, à homenagem, enviando telegramas o sr. Presidente da Câmara Municipal, o sr. Tenente João Gomes Teixeira e a Direcção da Casa do Povo.

«A Regeneração» associa-se, igualmente, ainda que por forma humilíssima à homenagem prestada ao ilustre Director do seu colega «O Mensageiro», rogando a Deus pela sua longa vida em prol do Distrito que o viu nascer.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Necrologia

João da Silva Feitor

Na cidade da Beira, onde exercia a sua actividade profissional, faleceu no passado dia 22 de Abril este nosso prezado assinante que contava 61 anos de idade.

Natural desta vila, o sr. João da Silva Feitor era irmão do sr. Luís da Silva Feitor, comerciante nesta praça, e tio dos sr.s João, Gil e Maria Mercedes David Campos.

Manuel da Silva Rijo

Após demorado sofrimento, extinguiu-se, no dia 24 do passado mês, na sua residência, a Rua Dr. António José de Almeida, nesta vila o sr. Manuel da Silva Rijo.

O finado que contava a idade de 64 anos era casado com a sr.^a Maria Madalena de Almeida Coelho e pai dos sr.^s Fernando Simões de Almeida Rijo, Luís Simões de Almeida Rijo e Henrique Simões de Almeida Rijo, residentes no Brasil, Manuel Simões de Almeida Rijo, casado, José Saul Simões de Almeida Rijo, e Maria Alice de Almeida Coelho residentes nesta vila, e irmão do sr. José Telhada Rijo, de Aguda e da sr.^a Aurélia de Jesus Oliveira, desta vila.

Lúcia Pereira da Horta Vaz Barreto

Em casa do sr. dr. Vasco Cid onde há largos anos era serviçal, faleceu no passado dia 24-4-1959 a sr.^a Lúcia Pereira da Horta Vaz Barreto, de 60 anos de idade.

Deixa uma filha, Ex.^{ma} Menina Maria Henriqueta da Horta Vaz Barreto, que exerce idênticas funções na dita residência.

A todas as famílias enlutadas fazemos chegar a expressão dos nossos sentidos pésames.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Agradecimento

A viúva de Francisco Marques Neto, que em vida foi regente da Filarmónica local, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que se interessaram pela doença do seu saudoso marido e o acompanharam à sua última morada.

M O S A I C O

Ansião Homenageia o sr. João António Duarte Faveiro

No passado dia 21 do mês transacto a população da progressiva vila de Ansião quis prestar significativa homenagem a um dos seus filhos mais estimados, o sr. João António Duarte Faveiro, pai do sr. dr. Victor Faveiro, Director Geral das Contribuições e Impostos.

Assim, aproveitando a passagem do seu octogésimo aniversário, o povo ansiãoense decidiu testemunhar ao seu ilustre patricio quanto o amava e em que medida as extraordinárias virtudes do seu carácter eram por todos apreciadas, acto a que num ápice aderiram cerca de 400 individualidades, quer dos concelhos limítrofes quer doutros pontos do País, nomeadamente das cidades de Lisboa e Coimbra.

De Figueiró dos Vinhos estiveram presentes, os srs.: Dr. João Dinis de Carvalho, Antero Simões Barreiros, Francisco António Rei, Manuel Dias de Paiva Pinto e o nosso Director, Dr. Alberto Teixeira Forte.

O homenageado foi primeiramente cumprimentado em sua casa, seguindo-se um almoço no mercado municipal, durante o qual usaram da palavra os srs.

José Augusto Medeiros, farmacêutico no Avelar; Dr. Adriano Rego, médico em Ansião; professor Elísio de Oliveira, Presidente da Câmara Municipal; dr. José Estevão de Oliveira; Advogado de Lisboa, por si e em representação do sr. dr. Furtado dos Santos, Procurador Geral da República; dr. José Miguens Simões Vieira, Advogado em Pombal; Francisco Mendes Vaz, comerciante em Coimbra; Manuel Rocha, secretário adjunto da Direcção Geral das Contribuições e Impostos; prof. Ferreira Afonso, vereador da Câmara Municipal de Coimbra; dr. José Esteves Alves, de Coimbra; e A. Pereira Nogueira, de Lisboa; que em brilhantes sínteses puseram em destaque a figura e a personalidade do sr. João D. Faveiro e enalteciram o significado da homenagem.

Por fim, falou o sr. dr. Victor Faveiro, cujo discurso reproduzimos na íntegra.

«Eu quero pedir licença aos nossos Amigos para dizer duas palavras em nome de uma família que neste momento tão honrada se sente pela expressiva homenagem que está a ser prestada ao seu estimado Chefe.

O momento que nos é dado viver possui já o natural relevo que lhe advém da circunstância de vermos na chefia desta família um elemento que, festejando o seu octogésimo aniversário, conserva inteiramente o vigor das suas faculdades e desfruta,

felizmente o precioso benefício de uma saúde esperançosa.

Mas, se não fora esta, já uma razão suficiente para qualificar quanto a nós este momento, entre os grandes momentos da vida, uma outra razão concorre para lhe atribuir um excepcional relevo e para vincar na nossa emoção e na nossa afectividade tão indelével marca que jamais nos será possível deixar de a lembrar: é a presença de tantos e de tão estimados amigos.

Perfazer 80 anos e ver produzida à sua volta tão ostensiva, tão exuberante prova de amizade, não é, certamente, um facto vulgar na vida de qualquer pessoa; e, porque o não é, merece necessariamente, a contemplação das suas particularidades, que, por se reportarem ao mérito da própria pessoa, devam constituir para ela justo fundamento de humano regozijo.

Fazer amigos, pode constituir o objecto de uma arte, quando porventura a busca de amizade seja procurada com um fim em si mesma; não é este, porém, o elemento gerador do verdadeiro amigo, certo como ser a arte uma actividade interessada quando mais não seja no triunfo externo da concepção ou do sentido daquele que a cultiva. Ora, o amigo, na sua exacta e natural expressão, cria-se, mas espontaneamente, no ambiente da vida de relações através da irmanação de formas de sentir, da reciprocidade ou espontaneidade de dedicações, das manifestações infusas da solidariedade humana, da afinidade natural que aproxima os homens e os leva à comunhão de fins, de entendimentos e de sacrifícios.

Se a amizade não é um privilégio do homem e se encontra mesmo em estado puro, bem patente e espontânea, em espécies inferiores desprovidas de razão ou de consciência, o homem, possuidor exclusivo de faculdades evoluídas, que não existem em outros seres, tem o dever de levar este maravilhoso dom até à sublimação. De contrário, todo o teor de vida que desvie as afinidades naturais do homem e o possa conduzir, antes, pelo caminho da inimizade, da indiferença, da aversão ou do ódio, tem pelo menos, já no plano natural, um patente demérito que se concretiza na negação e na opposição à lei da convivência, e reduz o homem à condição do ser que não vive para outros fins que não sejam o da luta pela exclusividade do seu próprio interesse.

E' certo que o homem é, por natureza, um animal de luta, sendo o imperativo da sua luta eterna que o levou ao estádio

que ocupa, e que o distingue de todas as espécies menos evoluídas. Mas, falar de luta não é necessariamente o mesmo que falar de conflito. Lutar pela perfeição e pela melhoria da nossa condição é, em primeiro lugar, eleger dentro de nós próprios as qualidades que nos distinguem como homens, e respeitadas que sejam depois as regras da relatividade social, aproveitar ao máximo todas as possibilidades que elas nos dão. A realização deste objectivo exige, por um lado, uma consciência esclarecida para poder distinguir entre o Bem e o Mal, e por outro, uma vontade forte para se impôr às faculdades recalcadas e fazer triunfar, contra elas, as que foram eleitas. Este triunfo poderá ser eventualmente penoso no aspecto em que exija não só a votação de uma vida inteira à conquista do seu objectivo mas também, por vezes, a necessidade de escolha da via mais custosa e o abandono do trilho que aos sentidos se possa apresentar porventura mais grato. E' neste entendimento que poderemos falar de *luta*, no aspecto em que esta se considere como um imperativo resultante da própria natureza do homem, e a que este deva dar realização dentro de si próprio, para poder atingir, dentro das espécies, a craveira natural do animal perfeito.

E' assim que o homem, através de uma luta permanente consigo mesmo, tem de triunfar de si próprio e construir pelos seus meios uma personalidade que o identifique.

A amizade, como aliás toda a vida de relações e o próprio respeito pelas leis da convivência admitem ainda, já dentro do meio social, a chamada luta pela vida. Mas esta, num verdadeiro e rigoroso sentido, não poderá ainda ser coisa diferente do que a sequência da luta individual que o homem tenha de travar dentro de si próprio para percorrer o o penoso caminho do aperfeiçoamento. Sequência essa que expressa, no campo da moral social, numa possibilidade de aproveitamento pelo homem de todas as faculdades eleitas e aperfeiçoadas para o melhoramento da sua condição, mas com respeito recíproco pelo direito que os outros homens têm de realizar para si aproveitamentos iguais.

Difícil será, se não impossível, gerar amizades verdadeiras nas relações entre os homens se elas não tiverem como base estes pressupostos.

Por um lado, uma personalidade mal formada pode conduzir a estruturação dos meios de acção de cada um dos homens para um sentido contrário às

próprias condições em que a amizade se pode desenvolver; por outro, a eventual prossecução de fins indiferentes ou opostos ao respeito pelos interesses alheios tem como resultado quase certo a criação de conflitos de cuja semente outra coisa não pode resultar que não seja a inimizade, a cobiça, a perseguição ou o ódio.

Oitenta anos de luta pela vida coroados por tão exuberante manifestação de amizade, são, na vida de um homem, prova evidente de uma conduta estruturada em seus princípios de personalidade e no respeito absoluto pelos interesses dos outros.

Permitam-me, meus Amigos, que peque por um momento contra o orgulho e que, nesta qualidade, testemunhe pessoalmente, a forma como se desenvolveu neste campo a vida de meu pai. Uma razão forte me habilita a fazê-lo: é que a vivi tão intimamente que com ela me identifiquei inteiramente. Tudo que aprendi no que respeita à formação da própria personalidade foi meu pai e minha mãe que me ensinaram: nuns casos pelas palavras, modestas sim, mas precisas e constantes; noutros, pelo exemplo de um teor de vida estruturado no amor ao trabalho, na honradez, na força de vontade inquebrantável para atingir os objectivos, no aperfeiçoamento das faculdades, na resignação vigorosa contra as adversidades, no amor da família, na solidariedade, no respeito pelos outros, no desejo enfim, de alcançar a melhoria da nossa condição num ambiente pacífico de co-existência.

A vida de meus pais foi um exemplo de sacrifício, de abnegação, de tenacidade, de amor familiar. Falar dessa epopeia que foi, para meus pais, a minha preparação para uma vida melhor, seria uma tarefa de longa duração, e a sua compreensão impossível para outrem que não seja quem a viveu de perto e quem intimamente sentiu essa atitude constante e heroica de luta contra a escassez dos elementos materiais condicionantes, de renúncia à satisfação de necessidades primárias, de firmeza na obstinação de uma ideia, de persistência para vencer as adversidades de resignação, até, para enfrentar as críticas e aceitar os riscos da incompreensão de um meio não preparado ainda para esforços desta natureza.

Direi apenas que, nestes oitenta anos passados de luta pela vida, não foram grandes as aspirações pessoais de meu Pai. Querendo muito para a sua família, pouco tem querido afinal para si próprio.

Feliz na sua vida modesta, ser-

viu outros com dedicação e apuro enquanto exerceu as funções públicas de que foi incumbido. Do que foi essa vida árdua e de sacrifício em que cumpriu sempre resignadamente, sem critica nem enfado, uma organização de serviço absurda, teimosa e indiferente pelos valores humanos. Sabem-no tão bem como eu as pessoas que foram servidas pela sua acção durante algumas dezenas de anos de pontualidade pendular no cumprimento do dever. Suponho ser mesmo a gratidão dos amigos pelo dedicado serviço que lhes prestou que originou a ideia da presente homenagem.

Bem hajam pela lembrança.

Mesmo agora, quando já livre de obrigações que o prendam a uma função ou a um dever, sempre recusou as solicitações para aceitação de algumas circunstâncias que lhe tornariam certamente a vida mais cómoda.

Duas razões opõe para essa rejeição: Uma reside no apego a vida natural que sempre levou, a esta vida sem preconceitos, onde não chegaram ainda os freios sociais, onde se vive no amor pater, essa terra que há oitenta anos vem trabalhando com mãos de artista, modelando frutos de pobre rendimento mas que se cultivam só porque se amam, que se criam só pelo prazer de se criar, que se estimam com fervor próprio das coisas que dependem de nós e cuja forma só existe porque lhe damos um pouco de nós mesmos; esta razão há-de levar meu Pai a empregar a plenitude das suas forças a essa arte do amanho destas terras tão pobres—tão pobres, sim mas só porque o são, dão generosamente ao pobre que as cultiva tudo aquilo que têm—continuará a lutar contra as intempéries, dando à semente o impulso necessário para a criação, amparando e defendendo a fragilidade dos caules, espregando diariamente na horizonte a esperança de uma nuvem ou arrancando ao interior da terra a seiva necessária para caldear a forma e a substância das coisas, lutando, enfim, e sempre, para seleccionar entre as boas e as más, as forças naturais.

A outra razão que tem impedido meu pai de aceder à tentação que lhe tem sido feita no deserto das dificuldades a que obriga a vida que escolheu é a necessidade tantas vezes por si declarada do convívio diário com os seus amigos de sempre, com os amigos que o acompanharam sempre nas horas boas e nas horas más e que justificaram e fomentaram, afinal, esta homenagem.

Certo é que a amizade nunca